

UMA GENEALOGIA DO PODER PASTORAL PARA SE COMPREENDER TÉCNICAS DE PODER NA LÓGICA DO ESTADO

Gabriela Mariotto de Almeida Santos¹

1

Introdução

O cristianismo é uma religião utilizada como marco referencial na história do ocidente. É uma virada que marca certa particularidade do pensamento antigo para o medieval. Não apresenta uma ruptura total com o pensamento grego, mas sim, apresenta um olhar cuidadoso para o que era dito pelos gregos. Mas o que cabe a nós nesse artigo são as análises de Michel Foucault, no material didático feito a partir das aulas ministradas pelo filósofo no Collège de France ao longo dos anos de 1977/78. De forma mais específica, veremos a partir das aulas que ocorrem ao longo do mês de Fevereiro em **Segurança, Território e População** (2008), os estudos de Foucault sobre o poder pastoral e as características fundamentais que ele apresenta, desde o período do cristianismo primitivo, para que possamos compreender técnicas específicas de controle, que são utilizadas na transição para o Estado desde a modernidade, e como chamamos por técnicas de poder.

Um olhar para o problema do governo e desbloqueio das artes de governar

A partir da aula de primeiro de fevereiro de 1978, Foucault discorre sobre o problema do governo, e detalha a mudança que ocorreu a partir da noção de governo, no século XVI ao XVIII precisamente, partindo da perspectiva dos filósofos modernos. Porém, não deixa de citar que já houve outras formas de exercer o poder, ele diz:

Claro, nunca faltaram, tanto na Idade Média como na Antiguidade greco-romana, desses tratados que se apresentavam como conselhos ao príncipe quanto a maneira de se conduzir, de exercer o poder, de se fazer aceitar ou respeitar por seus súditos,

¹ Aluna do curso de filosofia da PUC-Campinas.



conselhos para amar a Deus, obedecer a Deus, introduzir na cidade dos homens a lei de Deus , etc. (FOUCAULT, 2008, p.118)

Referente ao que foi apresentado, o filósofo diante desse aspecto, esclarece que antes se “exercia o poder” como forma de manter o principado, através de uma força que promovia e se mantinha pela subordinação. Mas no século XVI com a modernidade, as coisas são diferentes, Foucault nos apresenta o problema do governo que eclode no século XVI. O que vinha a ser como conselhos aos príncipes, agora passa a se apresentar como as artes de governar.

O problema do governo apresenta múltiplos aspectos, e que não podemos deixar de citar, pois são temas que vão ser aprofundados por Foucault mais adiante, mas cabe dizer neste momento, porque ele apresenta de maneira prévia como um problema específico da pastoral cristã, que é o problema do governo do Estado, do governo das almas, do governo das condutas e do governo de si mesmo. Todos tratados apresentados como forma de controle da população, atingindo todos os aspectos sociais.

Considerando dois processos que mesmo opostos se transpassam, como a modificação da estrutura feudal, ocorrendo a transição para instauração dos grandes Estados, e o longo e complexo processo da reforma e contrarreforma, como dito: “Movimento, de um lado, de concentração estatal; movimento, de outro lado, de dispersão e de dissidência religiosa” (FOUCAULT,2008,p.119), refletem e contribuem diretamente com o surgimento de questões, como por exemplo, como se governar, ser governado, métodos e etc. Assim, Foucault irá se concentrar no governo do Estado.

O filósofo francês faz sua análise do governo do Estado a partir da literatura do governo que condiz com o tratado das habilidades do príncipe, tendo como obra base O príncipe de Maquiavel, e por outro lado, uma espécie de literatura “anti-Maquiavel”, para análise do tratado do governo, no qual em sua maioria vem dos meios católicos, sendo os mais citados pelo filósofo O espelho político de Guillaume La Perrière e os textos de François La Mothe Le Vayer. A partir desse longo estudo que se dedica ao decorrer da aula de primeiro de fevereiro, Foucault avalia práticas de governo referente a literatura singular de Maquiavel, tendo como princípio manter o principado de forma violenta, já sobre a perspectiva da literatura que surge



com a “explosão” das artes de governar destaca três tipos de governo interiores ao Estado: Governo de Si mesmo, Governo da família e Governo do Estado.

Essa passagem é marcada pelo governo de si e da família e o exercício do bom governo refletindo na conduta dos indivíduos e na gestão familiar. Como afirma Gesueli em sua tese de mestrado: “Cada uma dessas formas se refere a um domínio, respectivamente, moral, economia e Estado. Assim, governo de si é moral, governo da família é economia e governo do Estado é política” (GONZAGA, 2020, p.30).

Após evidenciar o problema, Foucault evidencia o que vem a ser uma grande transformação no modelo de “governar” (FOUCAULT, p.128) e que conta com a reversão das leis para benefício enquanto as táticas de governo. O que antes um soberano buscava como modelo de governar, tendo como fim obediência às leis, agora o governo dispõe das coisas, através de táticas, visando o bem comum, isto é, “governam-se as coisas”² (FOUCAULT, p.127). Assim, o filósofo nos mostra que nesse aspecto o governo da família, sendo o que se refere ao aspecto econômico, é introduzido no exercício político, até então, nesse momento da análise, classifica como a “essência desse governo” (FOUCAULT, 2008, p. 127).

Até então, essas noções ao que venha ser o governo, como visto, foi pensado pela literatura anti-Maquiavel e não por teóricos políticos, e como bem explica Foucault, de certa forma se apresenta com poucas novidades (FOUCAULT, 2008, p. 133). Então, com o aparecimento de novos aparelhos de governo, começa-se a desenvolver as artes de governar. Ao longo dos séculos XVI e XVII as artes de governar se apresentam presas a certos obstáculos³, e de fato, só se ampliam no século XVIII.

A passagem do regime dominado por estruturas da soberania para um regime dominado pelas técnicas do governo, foram marcados como exercício político, o modo governamental da família e o mercantilista, mas um era considerado muito frágil e amplo, e

² Essas “coisas” podem ser entendidas pelos bens, meios de subsistência, etc.

³ Segundo Foucault, esses obstáculos se deram por um número de razões, como: a razão histórica, as guerras que se deram na Europa no sec. XVII, as crises geradas e o reflexo que isso teve na política monárquica ocidental (2008, p.135).



do outro lado, visto como rígido e abstrato. Sendo assim, a arte de governar teve seu desbloqueio definitivo no século XVIII, Foucault esclarece alguns processos gerais que contribuíram

A expansão demográfica do século XVIII, ligada por sua vez a abundância monetária, ligada por sua vez ao aumento da produção agrícola segundo os processos circulares que os historiadores conhecem bem e que, por conseguinte, eu ignoro. Sendo tudo isso o marco geral, podemos dizer, de uma forma mais precisa, que o desbloqueio dessa arte de governar esteve ligado, penso eu, à emergência da população (FOUCAULT, 2008, p. 137-138)

E com o desbloqueio que ocorre com a urgência da população, a partir dela se dá as regularidades próprias, e comportam sua agregação, e um fator importante, é como ela será utilizada como instrumento para governar a população por si mesma, de forma indireta por técnicas de controle. Já os outros modelos governamentais não são excluídos, mas na nova reorganização política e jurídica, são utilizados como pilar para a nova arte de governo.

A estrutura de governo sólida que se formou no século XVIII, como modelo de controle, se deu pelo movimento que promove a gestão das populações, com a tríade do governo como controle sobre a vida; a população como alvo do poder, e a economia política como forma de saber.

Apresentado o conceito da governamentalidade e sua importância na discussão do problema do governo e das artes de governar

A partir da aula de 8 de fevereiro, Foucault faz uma análise bem extensa do cristianismo ocidental como reinventor e inventor de um novo modo de governar, como reflexo da relação pastor e rebanho, também como um novo produtor de subjetividades. Porém, para compreender melhor o que está por vir, devemos dar continuidade a partir do fim da aula de primeiro de fevereiro, quando Foucault nos apresenta o termo “governamentalidade”, no qual desenvolve melhor ao longo dessa aula. Sendo importante compreender esse conceito que surge em meio a problemática do governo e das artes de governar, como caminho para compreensão da leitura pastoral ao qual pretendemos chegar.

A primeira vez que Foucault apresenta esse termo é no final da aula de 1º de fevereiro, e nos apresenta duas formas de compreensão da palavra, ele diz:



“governamentalidade, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros [...] (FOUCAULT, 2008, p.143-144)

Governamentalidade, se faz baseada em práticas governamentais, como “[...] soberania, disciplina e gestão governamental [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 143). A partir da análise da transição feita por Foucault na aula anterior, do Estado soberano para o Estado administrativo, e por fim, para o Estado de governo, é a partir dela que o filósofo se apropria da noção de "governo" e faz a passagem para o governo dos homens.

É a partir da perspectiva da governamentalidade que se torna possível a compreensão do modelo de se governar, pois ao longo da perspectiva genealógica utilizada pelo autor nos anos 70, fica mais claro percebemos o poder como algo não "localizável", mas como algo que surge de relações, tramas históricos e no interior da sociedade e também o momento que a condução de condutas se desenvolve. Evidência Senellart:

É confrontando-se à historiografia precedente dessa interpretação e à questão escatológica que a atravessa que a genealogia foucaultiana do sujeito moderno a partir da história cristã poderia contribuir, de modo inovador, a uma outra história do cristianismo (SENELLART,2012, p.92)

A partir das práticas governamentais que vimos como possibilitadoras da governamentalidade, que é o que vai nos permitir compreender as técnicas de dominação, tanto vinda do aspecto exterior, como vinda do pastor, e a prática que surge a partir do interior, sobre o governo de si, pelos fiéis, veremos também pela genealogia proposta por Foucault, como o “governar” no sentido de “seguir um caminho ou fazer seguir um caminho”, como “de sustentar, de alimentar” e em “termos de ordem moral” (FOUCAULT, 2008, p.162-163) são importante para o desvelar do entendimento sobre o poder pastoral. Afirma Gesueli:

A governamentalidade adquire um estatuto essencial na análise foucaultiana sobre as epistemes das formas de governo dos homens e, respectivamente, de suas condutas. Tanto na ótica de um governo de si, quanto na ótica do governo dos outros, a governamentalidade dirá respeito ao exercício de condução de condutas, ou seja, conduzir os outros e conduzir a si mesmo (GESUELI, 2019, p.40)



Uma análise do cristianismo primitivo para entender a metáfora da relação pastor e ovelhas na pastoral cristã

É importante destacar que o foco contextual da análise se refere ao cristianismo primitivo, isto é, refere-se aos III primeiros séculos d.C.⁴, se tratando das relações cristãs, entre fiel e pastor, mas não relação sujeito e instituição. Dito isso, a análise feita por Michel Foucault sobre a pastoral cristã ao longo do curso Segurança, Território e População (2008) é muito importante para que possamos compreender as técnicas de poder que aparecem na lógica do Estado, como diz Candiotto, a problematização

É considerada o início de um modo de governar no Ocidente, pelo qual processos de individualização são inseparáveis de processos de totalização, mais tarde secularizados pela biopolítica moderna quando esta procura fixar uma identidade e ao mesmo tempo busca regular a vida biológica de uma população (Candiotto, 2012, p. 19)

Assim, Michel Foucault inicia a aula de 8 de fevereiro deixando claro que "governar" não é a mesma coisa que reinar, comandar e fazer leis, é o oposto de soberano, juiz, general e etc. E que para entendermos a dimensão que o conceito representa, temos que entender o tipo de poder que esse conceito abrange, para assim, pensar a questão do governo dos homens (FOUCAULT, p.155).

Esse "governar" vai se dar na relação entre poder e sujeito, lembrando que sempre que falamos de poder em Foucault, falamos em relações de poder, pois ele esclarece desde a primeira aula do curso, ministrada em 11 de janeiro, que o poder não se funda em si mesmo, sempre se dá a partir de relações (FOUCAULT, p.4). Então, o poder se dá como relações que se dão como um "refinamento substancial" pela sociedade. Assim, Foucault diante dessa reflexão desloca sua análise, essa relação entre poder e sujeito, não é mais vista entre instituições fora ao sujeito, algo externo a ele, mas é uma relação que se dá a partir do próprio sujeito.

⁴ Período analisado no referencial da espiritualidade cristã: o período do cristianismo primitivo dos três primeiros séculos d.C. pois o período que tomamos já como comunidades ou instituições monásticas são os séculos IV e V (GESUELI, 2019, p.3).



A partir desse aspecto, para ficar mais claro a característica singular católica como produtora de um novo modelo de "governar", Foucault expõe alguns modelos referentes uma metáfora, que inclusive é tema central da aula do dia 8, que é o poder pastoral, e ele faz isso a partir de algumas tradições, como os hebreus, no qual Deus é pastor e o rebanho, que é o povo, deve fazer sua vontade (FOUCAULT, p.167), e os gregos que em um determinado momento cessa essa influência direta, sendo uma relação bem distinta do modelo pastor e ovelha (FOUCAULT, p.168) em relação ao cristianismo.

Mas o que nos interessa é evidenciar a diferenciação feita em relação aos gregos em comparação com os cristãos na aula de 15 de fevereiro. Foucault de certa forma, deixa mais claro essa diferenciação, ele apresenta o contraste da metáfora do pastor/ovelha, utilizando como referência o texto Política do Platão e, específica sobre o cristianismo, que mostra a ruptura com a estrutura da sociedade antiga. Percebemos que por um lado o legislador grego que codifica e constrói seu código de leis, mas cabe aos homens conduzir seu próprio destino, após o que lhes é dado de necessário pelos deuses, já os cristãos, por outro lado, a relação no pastorado cristão se trata da relação com o rebanho, que acompanha cada processo das ovelhas, o pastor guia e conduz, deve manter a salvação do rebanho e deve buscar estar presente em todos os momentos de suas vidas. Pelas palavras de Foucault:

A divindade é o seu pastor e, como diz ainda o texto de Platão, "por ser a divindade seu pastor, eles não necessitavam de constituição política" [...] A política vai começar quando o mundo girar no sentido inverso. De fato, quando o mundo gira no sentido inverso, a divindade se retira, a dificuldade dos tempos começa. Os deuses, é claro, não abandonaram totalmente os homens, mas só os ajudam de maneira indireta, dando-lhes o fogo, as artes, etc. Eles não são mais, verdadeiramente, os pastores onipresentes [...] Os deuses se retiram e os homens são obrigados a se dirigir uns aos outros, isto é, necessitam de política e de homens políticos (FOUCAULT, 2008, p.192-193).

Conclusões

finais:

O cristianismo desenvolveu a tecnologia pastoral para a vida dos homens, que é como se materializa a obediência ao longo da construção dos sujeitos. A grande diferenciação, a singularidade cristã se dá no ponto da pastoral no sentido que opera no campo da moral, pois a ligação com o pastor se dá como uma submissão individual, diante de pretestos morais, como o bem e o mal, concebidos pelo pastor, a ovelha, no caso o fiel, passa por um novo



processo de saber, podendo destacar como uma relação direta de poder, e assim, começa o exame de consciência e a direção de consciência, o sujeito passa a se monitorar constantemente.

Foucault mostrando essa perspectiva, desde o cristianismo primitivo, nos instiga a compreender o que somos a partir do que vemos como reflexo dessas ações na lógica do Estado, se tornando uma extensão do método moral, se assim podemos chamar, cristão.

Referências:

CANDIOTTO, Cesar. SOUZA, Pedro de. **Foucault e o cristianismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOLSCHEID, D. & WUNENBURGER, J.-J. **Metodologia Filosófica**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado Collège de France (1977-1978)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GONZAGA, F. G. **Um cristianismo por Michel Foucault: pastorado cristão e vida monástica a partir de uma leitura das práticas de governo**. Dissertação. (Dissertação em Ciências da Religião) - PUC. Campinas, 2020.

